

XI BRASA CONFERENCE 2012 (Champaign-Urbana)

Panel Name: Mid 20th century Brazilian Literature & Philosophy

Resumo: *Erico Verissimo, agente duplo da cultura*

Carlos Minchillo (Professor assistente – Departamento de Espanhol e Português,
Dartmouth College, NH)

Erico Verissimo foi um dos escritores que, na primeira metade do século XX, contribuiu decisivamente na divulgação da literatura e cultura brasileira nos Estados Unidos e da literatura norte-americana no Brasil. Sua formação bilíngue em colégio de religiosos estadunidenses, a atuação como tradutor do inglês, suas aulas e palestras em universidades norte-americanas e a temporada como diretor de assuntos culturais na OEA favoreceram a atuação de Erico como intermediador e intérprete nas trocas simbólicas entre Brasil e EUA. Até porque, ao contrário de outros intelectuais brasileiros, Erico aproximava-se sem pejo da cultura norte-americana, com a qual manteve uma abordagem comparativa a partir de sua experiência como escritor e editor brasileiro. A proposta deste trabalho é comentar como Erico via os EUA, os norte-americanos e o mercado literário ao norte do rio Grande para compreender sua atitude em relação à dinâmica da produção cultural da primeira metade do século XX. Em seus romances, em seus livros de feitiço memorialista e em sua vasta correspondência, Erico está consciente da existência de num novo contexto de produção, de circulação e de consumo de bens culturais. O "contador de histórias" e editor que queria dialogar com as massas urbanas recém-alfabetizadas busca uma dicção literária e um modelo de romance condizentes com esse novo ambiente, encontrando no cenário norte-americano elementos que reconfiguraram não apenas a literatura que praticava, mas o próprio lugar que a literatura podia ocupar em tempos de cultura globalizada.

XI BRASA CONFERENCE 2012 (Champaign-Urbana)
Panel Name: Mid 20th century Brazilian Literature & Philosophy

COMUNICAÇÃO: *Erico Verissimo, agente duplo da cultura*

Carlos Minchillo (Professor assistente – Departamento de Espanhol e Português,
Dartmouth College, NH)

No "bilhete" que serve de apresentação a *Gato preto em campo de neve*, Erico Verissimo escreve que o texto não passava de "um relato simples e objetivo de um passeio que foi, antes de mais nada, o feriado dum contador de histórias". Hoje quero tratar de algumas circunstâncias que cercaram a primeira experiência de Erico Verissimo no exterior e certos aspectos da fatura de seu relato de viagem, que em tudo desmentem que essa incursão internacional do escritor gaúcho fosse apenas um "feriado". A primeira visita de Erico aos Estados Unidos, em 1941, possibilitada por uma situação internacional específica e por uma configuração biográfica peculiar, converteram-no em um "agente duplo".

Esta expressão comporta aqui ao menos dois sentidos. Primeiro, a duplicidade de Erico reside em seu posicionamento na interface de duas culturas, agenciando o fluxo de elementos materiais e imateriais entre a sociedade norte-americana e a brasileira. Traduzindo, divulgando, apresentando conferências, ministrando cursos, encontrando-se com editores e escritores, Erico serviu plenamente como um daqueles "intermediários transnacionais" que, segundo Pascale Casanova, atuam como "agentes de câmbio" nas transações articuladoras da "República mundial das letras"¹.

¹ "A presença de grande número de intermediários transnacionais importantes, de literatos sutis e de críticos refinados é, em outras palavras, um sinal essencial de poder literário. Os grandes cosmopolitas (em geral políglotas) são de fato uma espécie de agentes de câmbio, 'cambistas' encarregados de exportar de um espaço a outro textos dos quais fixam, por aí mesmo, o valor literário." CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 37.

O segundo sentido da duplicidade de Erico Verissimo deriva de sua atitude de intérprete ao mesmo tempo crítico e engajado, livre e condicionado, voluntário e comprometido. Erico dá sinais de ter constantemente negociado entre a liberdade de pensamento que tanto defendia e as injunções de seus próprios interesses e também de uma política de diplomacia cultural interamericana que o colocou como um "embaixador leigo" da boa vizinhança.

O convite para Erico visitar os Estados Unidos partiu do Departamento de Estado norte-americano, em mais um dos inumeráveis gestos da política de solidariedade continental. A carta de convite que Erico recebeu do cônsul Daniel Braddock terminava com uma interessante observação:

"Eu quero deixar completamente claro que meu governo não deseja que a aceitação deste convite influencie em qualquer grau sua independência de julgamento ou liberdade de expressão"².

Mas tudo indica que nem sempre Erico desfrutou de tanta confiança por parte da diplomacia norte-americana. Em suas memórias, Erico relata o convite como um presente que teria chegado de surpresa por volta do Natal de 1940. O que o escritor não comenta e os estudos sobre sua carreira intelectual não costumam registrar é que nada provavelmente aconteceu de maneira tão inesperada e que já havia fracassado uma tentativa anterior de embarcar para os Estados Unidos. Na época, os jornais anunciaram genericamente que a mudança de planos se devia à situação da guerra na Europa, mas há testemunhos que levam a crer que o visto de entrada tenha sido negado pelas autoridades norte-americanas. Isso talvez se compreenda caso lembremos que *Caminhos Cruzados*, lançado em 1935, custara a Erico a pecha de comunista. Esse tipo de prevenção pode muito bem ter deixado em 1939 as autoridades norte-americanas reticentes sobre a conveniência de abrigar Erico na teia das relações da boa vizinhança. Mas o ano de 1940

² "I wish to make it entirely clear that my government does not wish your acceptance of its invitation to influence in the slightest degree your independence of judgment or freedom of expression." BRADDOCK, Daniel M. [Carta] 29 nov, 1940, Porto Alegre para VERISSIMO, Erico. Acervo Literário Erico Verissimo (ALEV), documento 02b1944-40.

deve ter sido providencial para mostrar os atributos que faziam de Erico uma escolha acertada.

Para isso, deve ter contribuído o burburinho em 1940 em torno da 1ª edição de vinte mil exemplares do romance *Saga*, acompanhada de uma agressiva campanha publicitária, incomum naqueles tempos. Para promover o lançamento do novo romance, Erico passou por Rio e São Paulo, fazendo uma série de conferências e participando de vários eventos em sua homenagem. A repercussão na mídia foi considerável, não se pouparam fotografias e adjetivos elogiosos, de modo que, como se diz hoje, Erico Verissimo parecia ser "a bola da vez". Não se podia, além do mais, negar o grande poder de penetração junto ao público de um autor que havia vendido em dois anos mais de 30 mil cópias de *Olhai os lírios do campo*, romance que já havia inclusive recebido proposta de Hollywood para adaptação cinematográfica. Tanto melhor se esse romancista vinha exatamente da região brasileira em que, devido à formação migratória, mais pesava a suposta ameaça de conexão e apoio entre o Brasil e os regimes nazifascistas da Europa³.

Muita coisa também estava mudando – no mundo e na visão do escritor – justamente naquele ano de 1940, quando foi firmado o pacto de não agressão entre Alemanha e União Soviética. Se, até aquele data, apesar dos equívocos e deformações, Erico ainda via na União Soviética uma esperança, depois do acordo a decepção com o comunismo soviético dirigiu seus esforços para a defesa da democracia, que, ameaçada na Europa, sobrevivia nos Estados Unidos. A queda de Paris sob o exército nazista colocava o mundo sob uma ameaça palpável, que o escritor confessou tê-lo abalado, justamente quando terminava a fatura do romance *Saga*. Pode-se dizer então que o ano de 1940 representou para Erico Verissimo um ponto de crise e inflexão, tornando-o ideologicamente mais palatável para o apetite pan-americanista dos oficiais do Departamento de Estado.

³ Cf. WASSERMAN, Regina. "Ventos alísios: identidade e intercâmbios culturais em Erico Verissimo" In BORDINI, Maria da Glória (org.). *Atas do seminário internacional "Erico Verissimo: 90 anos"*. Cadernos do centro de pesquisas literárias da PUC-RS, volume 2, no. 3. Porto Alegre: EDIPUCRS, novembro de 1996.

A literatura de Erico refletiu esse conjunto de fatores. Não deveria soar mal para autoridades e eventualmente para a opinião pública dos Estados Unidos as palavras da personagem Fernanda, nas últimas páginas de *Saga*:

[...] não levo tão longe os meus ideias coletivistas, que chegue a esquecer que a maioria dos benefícios tanto morais como materiais de que a humanidade hoje goza foram obra de indivíduos isolados que quase sempre tiveram que lutar contra a incompreensão da massa e a intolerância das instituições.

Acho que dentro de cada homem existem territórios invioláveis em que o Estado não deve procurar intervir.⁴

Individualismo, empreendedorismo, autoconfiança, autonomia, liberdade em relação ao Estado e às instituições de poder, desconfiança em relação às "massas": ingredientes básicos da ideologia liberal e receita do *self made man*. Em *Saga*, as atividades filantrópicas da personagem Fernanda e as ideias proferidas pelo personagem narrador Vasco Bruno vão todas no sentido de reafirmar uma reforma pacífica e ilustrada da sociedade por meio da cultura e da educação. O romance traça, assim, uma linha ideológica que, sem abrir mão das mais básicas constatações de desigualdade social, não ameaça o estado de coisas estabelecido, propondo um modelo de intervenção conformado aos pressupostos de um liberalismo esclarecido⁵.

Neste ponto, o romance de Erico coincidia grandemente com o ideário e as práticas da política de boa vizinhança, que investiu no cinema, no rádio, na música, nas artes plásticas e nos meios impressos como instrumentos de intercâmbio cultural e compreensão mútua entre as "duas" Américas. As ações de diplomacia cultural, que incluíram a tradução e circulação de livros, baseava-se na crença, evidentemente discutível, de que os desentendimentos internacionais eram resultado de má compreensão entre os povos e de que a circulação de ideias fosse meio eficaz e suficiente de promoção da solidariedade entre as nações⁶. Acreditou-se ainda que a penetração efetiva de bens

⁴ VERISSIMO, Erico. *Ficção completa*, vol I. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967, p.260.

⁵ Cf. NINKOVICH, Frank. *The diplomacy of ideas: U.S. foreign policy and cultural relations, 1938-1950*. New York: Cambridge University Press, 1981, p. 4.

⁶ NINKOVICH, Frank. *Op. cit.*, p. 18.

culturais, especialmente no caso de livros, dependia de um trabalho persistente de criação de uma atmosfera ideológica favorável e do fomento de uma atitude receptiva e curiosa em relação ao outro. Muito menos atenção foi dada nos discursos e práticas da política de boa vizinhança ao jogo de poder entre centro hegemônico (os Estados Unidos) e a periferia do sistema (as outras repúblicas americanas), de modo que se recalcou – intencionalmente ou não – a desigualdade de forças que determinavam em que direção, com que volume e com qual impacto poderiam efetivamente ocorrer as trocas culturais interamericanas. Na república pan-americana das letras, parecia que a tolerância e a apreciação da cultura do outro dependeriam apenas da cooperação de certos estudantes, artistas, intelectuais, jornalistas e escritores.

É aí que entra Erico Verissimo. Sua visita aos Estados Unidos, como a de todos os demais latino-americanos que para lá viajaram sob o mesmo ímpeto pan-americanista, deveria atender a vários propósitos: permitir que um indivíduo "adequado" conhecesse a realidade estadunidense, possibilitar-lhe que divulgasse para o povo norte-americano informações sobre o seu país e fazer com que esse visitante, no regresso, repercutisse suas experiências e impressões, de modo a difundir e consolidar uma imagem também "adequada" dos Estados Unidos entre os latino-americanos⁷. Erico cumpriu sua parte nesse pacto não assinado de "embaixador da boa vizinhança", publicando no mesmo ano de sua ida aos Estados Unidos suas memórias de viagem. As autoridades do Departamento de Estado não tinham de que se queixar: segundo Erico, *Gato preto em campo de neve* transformou-se no *best-seller* número 1 no Brasil, tendo vendido 10 mil cópias em 20 dias⁸ e foi traduzido para o espanhol ainda na década de 1940⁹. Em carta ao editor da MacMillan, Erico informa que recebera muitas cartas de "recém-convertidos ao pan-americanismo graças a *Gato preto*"¹⁰.

⁷ Cf. NINKOVICH, *op. cit.*, p. 43.

⁸ VERISSIMO, Erico. [Carta], 17 dez. 1941 para MELCHER, Fredric. ALEV 02a0191-41.

⁹ VERISSIMO, Erico. *El Gato Prebo em la Nieve*. Tradução Matilde de Elia Etchegoyen. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1947.

¹⁰ "I have received many letters from new converts to pan-americanism through "Gato preto". VERISSIMO, Erico. [Carta] 12 jan. 1942, Porto Alegre para Ted (da editora Macmillan). ALEV 02a0186-42.

Seria impossível hoje dar conta de todos os matizes do plurifacetado retrato dos Estados Unidos e dos norte-americanos que Erico traçou em seu livro. Quero destacar, no entanto, que é flagrante a tentativa de divulgar uma imagem que desmentisse algumas das críticas que, originadas ainda no século XIX, mantinham o fôlego no Brasil e no restante da América Latina naquela primeira metade do século XX. O ataque à figura do *yankee* materialista, ganancioso e insensível, a resistência à avidez imperialista do capitalismo norte-americano ressoavam ainda e fortemente durante toda a década de 1940, como um contradiscurso ao clamor pan-americanista.

Erico devia estar consciente dessa histórica prevenção contra o grande irmão do norte e, ao longo de *Gato preto em campo de neve*, o narrador destaca sobretudo a exuberância da vida cultural norte-americana. Ao lado de observações mais ou menos previsíveis sobre a pujança da economia e a sedutora intensidade da vida nas metrópoles, o narrador chama atenção para outro tipo de grandiosidade: as telas de Botticelli, Fra Angelico e Bellini do Fogg Museum; a diversidade e abrangência do acervo do Metropolitan Museum; os mais de duzentos estabelecimentos de ensino superior de Boston; as setenta sociedades de música da Filadélfia; os treze milhões de livros da biblioteca do Congresso. Essas informações, juntamente com os trechos em que o narrador didaticamente recapitula fatos da História dos Estados Unidos, desempenham evidente função ideológica: reforçam a cada instante a existência de um Estados Unidos "espiritual", pleno de tradição, que se soma e se contrapõe ao puro materialismo, às finanças, à atividade industrial, à ideia de que "tempo é dinheiro".

A infraestrutura cultural dos Estados Unidos – que justamente naquele momento estava sendo mobilizada em prol da política de boa vizinhança – serve então como indício dessa outra Norte-América que merecia admiração, até porque, de alguma maneira, era colocada no mesmo patamar de civilização da Europa, o polo tradicionalmente associado ao mundo da "alta cultura". Na verdade, os Estados Unidos se convertem em guardião e no dinamizador de uma cultura sob risco no velho continente.

Erico adotou ainda outro dispositivo para sugerir comunhão entre brasileiros e norte-americanos. Onde faltassem os museus grandiosos, as bibliotecas vertiginosas, as universidades seculares, o foco recaiu na "naturalidade" e "informalidade" de que o povo norte-americano também era capaz. Assim, em Denver Erico escreve: "Aqui a gente pode melhor sentir e observar a vida americana porque o seu ritmo é mais lento e seus tipos, menos artificializados pelo progresso mecânico"¹¹. O retrato resultante é uma América para além da opulência capitalista, mais diversa, menos padronizada, mais humana e mais compreensível para nós, latinos.

Erico Verissimo, que praticava a literatura como ganha pão e não tinha problema em afirmar que "livro bom é livro que vende", estava consciente dos vários benefícios de sua experiência internacional. Como escreve mais tarde, "a gente viaja, conhece gentes e lugares, presta um servicinho à pátria e a si mesmo"¹². De fato, o serviço prestado de "ambulante do pan-americanismo" recompensou Erico com a tradução de algumas de suas obras para o inglês, sob patrocínio do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, e com novos convites para viver e trabalhar nos Estados Unidos. Uma vez vencida a guerra, Erico teve então oportunidade de afiar sua visão política e refinar sua interpretação da América do Norte. Mas isso já envolve outras viagens, formulou-se em outras narrativas e é assunto para outra oportunidade.

¹¹ VERISSIMO, Erico. *Gato preto em campo de neve*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 328.

¹² VERISSIMO, Erico. [Carta] 14 fev. 1945, Los Angeles para BERTASO, Henrique. ALEV 02a.0014-45.